' Até que ponto o setor privado pode ajudar, fazer diferença? '

OSVALDO SOARES

PRESIDENTE DO INSTITUTO DE ESTUDOS DO TRABALHO E SOCIEDADE (IETS), O SOCIÓLOGO SIMON SCHWARTZMAN FICOU RESPONSÁVEL PELA ANÁLISE DO ÚLTIMO CENSO DO GRUPO DE INSTITUTOS, FUNDAÇÕES E EMPRESAS (GIFE), TRABALHO FINANCIADO PELO INSTITUTO UNIBANCO. A PESQUISA MOSTROU QUE A ÁREA DE EDUCAÇÃO CONCENTRA A MAIORIA DOS PROJETOS (1.217 DE UM TOTAL DE 2.210). SIMON RESSALTA, EM SEU RELATÓRIO PRELIMINAR (UMA NOVA VERSÃO DEVE SAIR ESTE MÊS), QUE, A DESPEITO DE TODO O INVESTIMENTO, AS ORGANIZAÇÕES DO GIFE ACHAM QUE O IMPACTO SOCIAL DOS PROGRAMAS É LIMITADO. EM ENTREVISTA EM SEU ESCRITÓRIO, NO FLAMENGO, ELE SUGERE MUDANÇAS, COMO UMA ÊNFASE MAIOR NO ENSINO TÉCNICO-PROFISSIONAL, E DESTACA A IMPORTÂNCIA DA PARCERIA ENTRE OS SETORES PÚBLICO E PRIVADO.

O GLOBO: *O que é o Gife?*
SIMON SCHWARTZMAN: É um grupo que reúne empresas, institutos e fundações que destinam recursos para projetos sociais em diferentes áreas. Essas entidades são organizações não-governamentais, mas, diferentemente de outras ONGs, que vivem buscando dinheiro, elas têm recursos e muitas vezes trabalham com outras entidades.

O GLOBO: *As instituições do Gife são as que mais investem em projetos sociais no país?*
SCHWARTZMAN: Eu acho que sim. Existem outras associações, mas, no Gife, temos cerca de cem organizações, e algumas muito grandes. O investimento total é de cerca de R$ 1 bilhão por ano.

O GLOBO: *Este foi o terceiro censo?*
SCHWARTZMAN: Foi. Nós não fizemos uma comparação muito sistemática com os outros censos, dos quais eu não participei, mas o que a gente notou é que os investimentos têm crescido. Outra coisa que a gente notou é que há uma evolução, no sentido de que estão sendo criadas instituições mais independentes, mais profissionais, procurando um trabalho que vá além da caridade.

O GLOBO: *Pelo relatório preliminar, o setor que concentra o maior volume de investimentos é educação. De aproximadamente cinco milhões de pessoas beneficiadas por todas as ações do Gife, quatro milhões são de projetos nessa área...*
SCHWARTZMAN: Essa questão dos números depende de como a Instituição atua. Como no caso de uma das organizações do Gife, o Instituto Ayrton Senna. Ele tem um trabalho com secretarias de educação, de aceleração de aprendizagem (*o projeto é adotado como política pública em cinco estados, segundo o site do Instituto*). Então, quando uma organização trabalha com uma secretaria, ela pode beneficiar todos os alunos nesse estado.

O GLOBO: *Apesar de todo o investimento, as instituições do Gife têm a percepção de que o impacto das suas ações sociais ainda é pequeno. Por quê?*
SCHWARTZMAN: O tamanho dos problemas do país é muito grande. E a pergunta que surge é: até que ponto o setor privado pode ajudar, pode fazer a diferença? Se você se limitar a ajudar pessoas que vivem perto de você ou na área em que você atua, para elas será bom. Mas o efeito disso no conjunto acaba não sendo grande.

O GLOBO: *Como isso pode ser mudado?*
SCHWARTZMAN: Não há uma resposta fácil. Mas o caso do Instituto Ayrton Senna, por exemplo, mostra um caminho. Se você trabalha com uma secretaria de Educação e a atividade é bem feita, leva o órgão a adotar novas práticas, isso pode fazer uma diferença muito grande. Eu acho que, menos que o dinheiro, o importante é a possibilidade que as instituições têm de apresentar novas idéias, novas maneiras de trabalhar. Elas podem fazer uma série de outras coisas que, normalmente, a burocracia não faz.

O GLOBO: *Pelo censo, a maioria dos projetos de educação se destina à capacitação de professores. Isso teria que ser mudado?*
SCHWARTZMAN: Não adianta você pegar um professor que está numa escola desorganizada, que não oferece uma boa formação, dar um cursinho para ele e mandá-lo de volta. Ele vai fazer a mesma coisa que antes.

O GLOBO: *O que poderia ser feito?*
SCHWARTZMAN: Eu acho que uma coisa muito importante é você entender o que está acontecendo na área de educação. Existe uma tendência a ajudar o menino, ajudar o professor, diretamente. Mas não tentar entender por que o sistema não funciona.

O GLOBO: *O senhor sugere incentivo a pesquisas de nível superior sobre o ensino fundamental?*
SCHWARTZMAN: Exatamente. A área de educação no Brasil precisa de muita pesquisa para você entender o que está acontecendo. Cada vez se gasta mais dinheiro num sistema gigantesco, e os resultados são ruins.

O GLOBO: *Que outra medida poderia ser tomada?*
SCHWARTZMAN: Na área do ensino técnico, que também é pouco desenvolvida no Brasil, eu acho que as empresas talvez pudessem ter um trabalho maior, mais ligado à sua atividade. Não adianta você ter um ensino técnico separado do mercado de trabalho, do setor produtivo. As empresas têm a capacidade de oferecer treinamento. Mas, quando uma grande organização cria um instituto para apoiar atividades sociais, de educação etc, em geral é fora da empresa. Muito poucas empresas usam a si mesmas como instrumento de treinamento.

O GLOBO: *O senhor diz que as instituições do Gife têm capacidade para influir muito mais.*
SCHWARTZMAN: Nós temos no Brasil um sistema público muito rígido. E algumas empresas têm condições de experimentar modelos novos, criar um novo sistema de escolas, por exemplo. É um dinheiro mais livre.

O GLOBO: *Seu relatório também aponta a necessidade de melhorar os mecanismos de aferição.*
SCHWARTZMAN: É verdade. Pensando um pouco para a frente, a questão toda é: qual é o impacto disso? E você não vê muito nessas instituições essa prática sistemática de avaliar o impacto. O que elas fazem é o seguinte: "Nós gastamos X para apoiar tantos grupos". Mas o que aconteceu depois disso? Teve algum resultado lá na frente? E hoje há toda uma área de pesquisa para avaliação de resultados. Como são instituições grandes, deveriam ter sistemas melhores, inclusive trazer gente de fora para avaliar suas ações.

O GLOBO: *O senhor diz que elas fazem uma auto-avaliação...*
SCHWARTZMAN: Uma auto-avaliação é sempre uma coisa complicada. Dificilmente haverá alguém se auto-avaliando mal.

O GLOBO: *Que outros temas se destacaram na análise do censo?*
SCHWARTZMAN: As instituições do Gife têm um trabalho importante também na área de artes e de fortalecimento de comunidades, em associações, capacitando as pessoas para defender melhor seus interesses. Há um trabalho mais tradicional, mais filantrópico, na área de saúde, mas hoje em dia é cada vez menor.

O GLOBO: *Com esses investimentos, as empresas estão desempenhando funções públicas?*
SCHWARTZMAN: Essa é uma discussão um pouco complicada. A educação é uma função pública? Em princípio é, no sentido de que o governo é o responsável por dar educação às pessoas. O outro lado da questão é que o governo não tem que ser exclusivo. Até porque não possui recursos para isso. Você não pode esperar que um Estado como o brasileiro vá desempenhar bem todas as funções. Ele vai ter que trabalhar com o setor privado.

Carlos Ivan

SIMON: "Se você se limitar a ajudar pessoas que vivem na área em que você atua, para elas será bom. Mas o efeito disso não é grande"

"Você não pode esperar que um Estado como o brasileiro vá desempenhar bem todas as funções. Ele vai ter que trabalhar com o setor privado"

"A área de educação no Brasil precisa de pesquisa para você entender o que está acontecendo"